

Surfista Solitário: imagens ouvidas a partir da música

Patricia Flores de Medeiros¹

Este trabalho trata sobre a música Surfista Solitário, de Gabriel O Pensador e sua insistente necessidade de ser ouvida por mim! Atualmente voltei a nadar e esta música sempre me acompanha nas braçadas mais intensas. Em diferentes momentos da vida nadei, meu sonho era fazer travessias no mar. Agora entendo de qual travessia meu desejo falava: nasce meu exercício de ouvir a imagem musical, propiciando travessias de mares ainda não nadados por mim, ao qual me lanço e convido para fazer parte!

A primeira vez que ouvi a música me encantei pela sereia, na segunda pelo mar e cada vez que ouvia me encantava. Encantamento enquanto possibilidade de brincar, voar, nadar, desenhar e explorar diferentes imagens. Imagens como imago, ideia – seguindo outro encantamento que vem pela leitura de Hillman (2010) e da leitura das obras Jung no processo de formação de analista.

Conforme Hillman (2010), de certa forma estamos todos em terapia o tempo todo na medida em que estivermos envolvidos no cultivo da alma². Assim, a análise acontece quando promovemos a imaginação da alma. E através dos arquétipos, os quais pensados como metáforas e não como coisas, descritos em imagens é que poderemos produzir um discurso imaginativo. Essa escrita se dá quando o processo imaginativo de Gabriel, de certa forma o surfista solitário, proporciona uma qualidade e ação a minha imaginação. Este encontro me faz produzir um texto que conjuga teoria, música e meu processo de formação. Pretendendo estar na perspectiva desse autor de cultivar a alma e no sentido de Jung proporcionar com a fantasia espaço para o inconsciente, acolhe-lo de forma respeitosa e reflexiva. Segue, então, a música e a escrita desse encontro.

Surfista Solitário

*Olhei pro mar, pra não me perder de vista
E vi uma onda solitária, correndo sem quebrar
Como se fosse ela uma surfista
A onda olhou pra mim, me convidou jogando a sua crista*

¹ Psicóloga, Doutora em Psicologia/PUCRS, candidata a analista pelo IJRS.

² Alma como possibilidade imaginativa de nossa natureza, experimentada através da reflexão dos sonhos, imagens, da fantasia. (Hillman, 2010, p.28)

*Abrindo os braços como ninguém abre
E eu que não sou Cristo, mas entendo de milagre
Fui andando sobre as águas do jeito que só quem conhece sabe*

*Acorde num domingo, tome seu café
Pegue a sua prancha, tome a benção à mãe
Reze com fé e vai pro mar
E vai pro mar!
Solitário Surfista (4x)*

*Mar doce lar, vasto e profundo, mais vasto é o meu coração
Que não cabe nesse mundo e precisa transbordar
Navegar não é preciso, é preciso surfar
Nada parado, tudo em movimento
O chão é a parede e é o teto ao mesmo tempo
A parede desabando e eu lá dentro, acelero e acelera o batimento
Tanto bate até que fura, água mole em pedra dura
Cada louco tem a sua loucura
Eu viajo por isso, quase sempre sem visto
A sereia me chama, eu não resisto
Sei que cada feiticeira tem a sua maneira de transformar
Uma laje de pedra em ouro maciço, parece feitiço
A sereia me chama, eu viajo por isso*

*Acorde num domingo, tome seu café
Pegue a sua prancha, tome a benção à mãe
Reze com fé e vai pro mar
E vai pro mar!
Solitário Surfista (4x)*

*Cheguei na praia, olhei pro mar, entrei no mar
Entre no mar, olhei pra onda, entrei na onda
Entre na onda e fiz a onda até a areia
Entre na onda que corre na minha aldeia
A minha onda não é uma onda qualquer
Da minha onda eu saio de cabeça feita
E na areia uma sereia com pernas de mulher
Mais perfeita do que a onda mais perfeita
Adivinhava o meu futuro com os seus óculos escuros
Me filmando nas esquerdas e direitas
Cheguei na areia e a sereia entrou no mar
E só de onda eu me deitei onde ela deita
Tubarão em pele de cordeiro, um ataque de surpresa
Predador virando presa, uma sereia com pernas de mulher
Perfeição ou perversão da natureza?*

Música de Gabriel O Pensador

Na música ele começa nos falando: *Olhei pro mar, pra não me perder de vista...*
e sobre o convite da onda. Olhar para o mar para se ver, nos diz Hillman (2010) que a

psique quer se encontrar enxergando através de si mesma (p.242) e por conta disso cabe a nós olharmos para as imagens que produz, para esse mar que simbolicamente se manifesta como o inconsciente. A alma parece sofrer quando seu olho interno está ocluído, mas quando vemos as mesmas coisas de forma diferente podemos agir diferente, por isso a ideia/imago/imagem abre o olho da alma (p. 245) e como ondas traz o movimento. Lembrando as ideias de Heráclito com certeza não entramos no mesmo mar duas vezes.

O mar pode ser visto como símbolo da dinâmica da vida, tudo sai e retorna a ele, águas em movimento, deixa tudo transitório e também é lugar das paixões e das sereias (Chevalier, 1990, p.592). Da areia olhamos o mar, temos um par de opostos que fazem a energia fluir e que poderíamos pensar esse encontro entre consciente e inconsciente. É nosso surfista que vai circular nesses dois espaços, na música ele surfa no mar e toma o lugar da sereia na praia, ele flui, a energia psíquica flui. O sofrimento aconteceria com unilateralidade, ficarmos presos na areia ou nos afogarmos no mar, o perigo está na paralisação.

Que belo convite para entrar no mar, mas para isso ele reza! Essa entrada no inconsciente sempre deve ser respeitosa e cuidada por algo maior, para que o Ego não fique inflado e identificado com o inconsciente. Neste caso é a benção da mãe /Iemanjá que deve ser referenciada e vai permitir a entrada e permanência sobre o mar/envolto na onda e o cuidado para não ser engolido por ele. Essa imagem arquetípica de mãe/Iemanjá, segundo Oliveira (2013), nos é contada a partir de sua queda após lutar com o filho Exu que dilacera seus seios. Iemanjá entre a dor, a vergonha, a tristeza e a pena que teve pela atitude do filho, pediu socorro ao pai Olokun e ao Criador, Olorun. E, dos seus seios dilacerados, a água, salgada como a lágrima, foi saindo, dando origem aos mares.

Podemos falar também de Iemanjá (mãe da cabeça) e plasmadora de todas as cabeças; que dá o sentido da vida e nos permite pensar, raciocinar, viver normalmente como seres pensantes e inteligentes. É a Senhora das águas salgadas e será ela que proporcionará boa pesca nos mares, regendo os seres aquáticos e provendo o alimento vindo de seu reino. Iemanjá é a onda do mar, o maremoto, a praia em ressaca, a marola, quem controla as marés, é ela quem protege a vida no mar (Oliveira, 2013).

Para Jung... *no processo de individuação, o símbolo materno não mais se refere ao começo, mas ao inconsciente como matriz criadora do futuro. O penetrar na mãe significa estabelecer um relacionamento entre o eu e o inconsciente* (1989, parágrafo 459). Nosso surfista é solitário como é o processo de individuação, o qual é paradoxal no sentido que quanto mais individuado mais podemos andar junto aos outros, pois reconhecemos o que é nosso e reconhecemos o outro, mas é um processo único, cada um com sua prancha e com a benção de Iemanjá!

Entrando no mar torna-se surfista: *Navegar não é preciso, é preciso surfar...* Deleuze (2006) em sua escrita aponta para a mudança da qualidade nos movimentos, a qual ele exemplifica com os esportes, mostrando que hoje o movimento se define cada vez menos a partir de um ponto de alavanca ou ponto de origem como, por exemplo, nas corridas. Os novos esportes (surfe, windsurfe, asa delta) são do tipo inserção em uma onda preexistente. A questão já não é mais a origem como ponto de partida, mas como se fazer aceitar pelo movimento de uma grande vaga ou coluna de ar ascendente. Mais do que a saída ou a chegada, a questão torna-se manter-se “entre”, estar em relação e o que produzimos nesse caminho do meio. Essa seria outra forma de retomarmos o conceito finalista de energia psíquica de Jung.

Seria importante salientar que não é uma questão de ação, mas de reflexão, voltar-se para si. Toda vez que temos um funcionamento de compulsão à ação/hiperatividade “agimos para não enxergar” (Hillman, 2010, p.235). Fazemos atuações, com medo das ideias (do desconhecido em nós) as quais podem, muitas vezes por unilateralidade, serem personificadas em figuras das sombras, no Hades e naquelas que nos enfeitiçam com seu canto: as sereias. Mas é importante lembrar que a natureza não é boa nem má, nós é que lhe atribuímos valor, temos ideias sobre ela!

Estamos o tempo todo trabalhando com o inconsciente na perspectiva de Jung como fonte dos instintos que são expressos através das imagens arquetípicas, *mas é também da fonte viva dos instintos que brota tudo o que é criativo; por isto, o inconsciente não é só determinado historicamente, mas gera também o impulso criador - à semelhança da natureza que é tremendamente conservadora e anula seus próprios condicionamentos históricos com seus atos criadores* (1998, parágrafo 163).

E é justamente a figura arquetípica quem chama a atenção do surfista: *A sereia me chama, eu não resisto. Sei que cada feiticeira tem a sua maneira de transformar...*

O mito da sereia envolve o tema da sedução e pode ser visto também como expressão da figura arquetípica da anima, possibilitando profundos movimentos na psique e favorecendo o diálogo criativo com o inconsciente. No qual a pedra transforma-se em ouro, como aponta Jung na metáfora alquímica da psicoterapia.

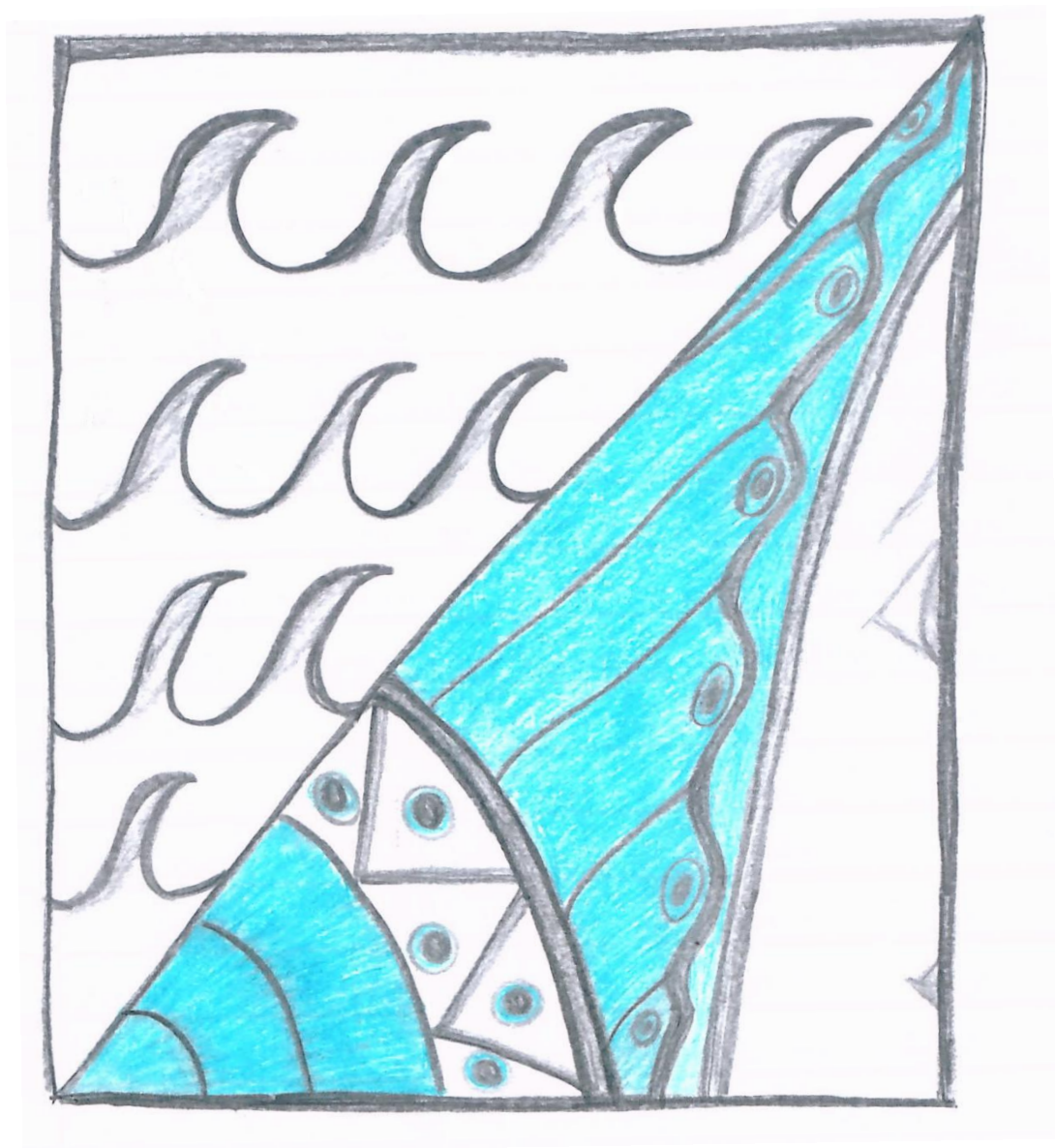
Segundo Oliveira (2013) os relatos mais conhecidos sobre elas datam da antiguidade clássica, onde na Odisséia, de Homero, o herói Ulisses exausto depois de tantos anos tentando retornar à Ítaca, tem que atravessar a região onde ficavam as sereias. Graças aos conselhos da feiticeira Circe, Ulisses instrui sua tripulação para colocar cera em seus ouvidos para não que ouvissem o canto das sereias e se lançassem ao mar. Mas, como Ulisses queria ouvir o canto pede que o amarrem fortemente ao mastro de seu barco para que não mergulhasse para morte. Apesar de conseguir voltar para casa, dessa experiência fica-lhe o sofrimento e o desespero vividos enquanto estava preso ao mastro, escutando e sentindo o canto e os encantos daquelas mulheres.

Outro relato importante é sobre a expedição dos Argonautas, na qual Orfeu embarca com sua lira e no encontro com as sereias se põe a cantar de tal forma e com tal encanto que consegue superar o fascínio do canto das sereias. Nessa passagem apenas um dos tripulantes não resiste e se lança ao mar para uma morte certa, sendo, no entanto, salvo por Afrodite e alcançando um destino mais feliz (Oliveira, 2013).

Como vimos antes o inconsciente e seus conteúdos arquetípicos também é a fonte do criativo. Essa relação com a sereia/anima/alma que faz o nosso surfista trocar de lugar com a sereia, predador virando presa, trazendo o tubarão para areia produzindo novas formas, lugares e imagens. Neste caso a grande relação com a sereia é que ela faz Gabriel cantar, e ele canta como na história de Orfeu melhor que ela! E com sua música faz nos relacionarmos com sua sereia e nos seduz e encanta, nos faz cultivar a alma.

A partir da leitura de Hillman (2010, 2013) passei a me ocupar do exercício de perceber imagens – entrar em contato com um grande significado, mistério da imagem, do desconhecido, de como ela se apresenta. O canto da sereia, digo de Gabriel O Pensador passou a fazer imagem de minhas leituras sobre imagem! Aqui me detive na música Surfista Solitario – e tentei fazer contribuições para podermos vê-la, pois *uma imagem não é o que você vê, mas o modo como você vê* (Hillman, 2013).

Gostaria de finalizar meu trabalho com Jung: *o mundo é aquilo que imaginamos. Só uma pessoa infantil julgaria que o mundo é aquilo que pensamos. A imagem do mundo é uma projeção do mundo do si-mesmo, assim como este é uma introjeção do mundo* (1998, parágrafo 120). Conjuntamente com meu desenho de Iemanjá que imaginei durante esse processo!



Referências

- Chevalier, Jean. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympo, 1990.
- Deleuze. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- Jung, Carl G. **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- _____. **A vida simbólica**. Petrópolis: Vozes, 1998.

Hillman, James. **Re-vendo a Psicologia**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Uma investigação sobre imagem**. Tradução de Gustavo Barcelos, mimeo, 2013.

Oliveira, Marcus F. Sereias, Iaras e Iemanjás: A sedução da alma. www.rubedo.psc.br/Artigos/ acesso em 19/06/2013.

"Surfista Solitário", música Gabriel O Pensador / Jorge Ben Jor. <http://gabrielopensador.com.br/> acesso em 15/06/2013.

Trabalho apresentado na Jornada do IJRS, julho/ 2013.